

Visado
pela Comissão
de Censura

Ecoss da Franqueira

- AVENÇA -
Número avulso
25 centavosRedacção e Administração
Carvalhal — Barcelos

Director, Editor, Administrador e Proprietário

Publica-se aos Domingos

ASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)
P. GAMENTO ADIANTADO

P.º José A. Aires

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

Barcelos Antigo

Extracto do «Portugal antigo e Moderno» de Pinho Leal

(Continuação do número 29)

Isto entende-se só de ordenanças, das quais tinha 28 companhias, e em toda a comarca 42.

A Camara servia de Capitão-mór.

Na guerra dos 27 anos deu Barcelos, fóra as ordenanças, sete terços de infantaria, mil e quinhentos gastadores e 500 carros.

Este comarca tinha mais de vinte leguas de comprido (120 Kilometros).

Ainda há poucos anos vi em Grijó (17 Km. ao S. do Porto) uma marca, ou padrão, que dizia—*Correição de Barcelos*.—Não sei se ainda existe.

* * *

Extra-muros da antiga circunvalação, no Campo da Cruz (mais conhecido pelo Campo da Feira) está a igreja do Senhor da Cruz que é sumptuosa.

Este Senhor festeja-se a 3 de Maio, havendo, então ali uma grande feira.

Diz a tradição que uma sexta-feira, 20 de Dezembro de 1504, apparecera no tal campo (então chamado do Salvador) uma cruz pintada no chão; e que desde esse dia principiaram a apparecer cruzes assim, neste lugar, (agora apparecem a 2 e 3 de maio e algumas vezes em setembro, na véspera da exaltação da Santa Cruz).

Erigiu-se-lhe logo uma pequena ermida, que hoje está transformada em igreja, e é a já dita do Senhor da Cruz.

* * *

A meia distância entre a ponte e o açude de *Márcezes* (ou *Márcezes*) mesmo no leito do Cávado, há um enorme penedo, ao qual pela margem esquerda, se chega a pé enchuto, na estiagem, ficando todo o mais tempo coberto com a água do rio.

Da raiz deste penedo rebenta uma fonte de água sulfurosa, que dizem muito medicinal.

* * *

O mesmo D. Afonso, primeiro duque de Bragança, que mandou fazer as muralhas e torres desta vila fez, pelo mesmo tempo construir para si e seus sucessores um palacio, cujas ruínas ainda existem junto à ponte (do lado do N.).

Do alto destas ruínas se goza um belo panorama.

Vê-se o píncaro do Monte da Franqueira, de uma grande altura e o Bom Jesus do Monte de Braga.

O terreno e ruínas destes paços foi pedido ao governo pela Camara de Barcelos, para ali fazer um passeio público.

Foi-lhe concedido em Agosto de 1873, sob condição de que uma parte do velho edificio, seja conservada, collocando-se-lhe uma lapide comemorativa, que ateste às gerações futuras que foi ali o palacio dos duques de Bragança, donde procedem quasi todas as familias reais da Europa e a do Brazil.

Isto é bom; mas tenho saudades daquelas ruínas venerandas, que dominavam msgestosamente a robusta ponte romana.

A Casa da Camara é hoje o melhor edificio da vila e a melhor casa do senado da provincia.

* * *

De Barcelinhos a vista desta vila é imponente e pitoresca.

Barcelos é sem contradição nenhuma uma das melhores vilas do Minho e não tem muitas superiores no reino.

E' mesmo superior em população, edificios e riqueza às cidades de Tomar, Miranda, Silves, Bragança e Pinhel.

Tem minas de safiras. Diz Oliveira Freire (Discr. Chorog. de Port. pag. 31) que uma safira de Barcelos, foi vendida em 1636, em Paris, por 28:000\$000 reis!

* * *

É patria do bravissimo e leal portuguez D. Nuno Gonçalves de



Nossa Senhora da Franqueira

Faria, conde e alcaide-mór do Castelo de Faria no reinado de D. Fernando.

De seu filho, Gonçalo Nunes de Faria, tão bravo e tão leal como seu pai.

Do irmão deste D. Alvaro de Faria, que D. João I armou cavaleiro na batalha de Aljubarrota.

(Continua)

Fra Casil.

Estrada da Franqueira

Tendo sido posta em arrematação a mão de obra para o calcetamento à portuguesa da pavimentação desta estrada desde o lugar de *Meréces* da f.ªeguesia de *Barcelinhos* até ao lugar da igreja da f.ªeguesia do *Carvalhal*, foi já pela Camara Municipal feita a respectiva adjudicação com o compromisso destes trabalhos estarem ultimados no fim do mês de Agosto do corrente ano.

A f.ªeguesia do *Carvalhal*, sempre solicita para tudo quanto concorra para o desenvolvimento da *Franqueira*, prontifica-se a fazer todos os carêtos precisos — gratuitamente — cujo serviço será feito logo que lhe seja reclamado.

A f.ªeguesia do *Carvalhal* prestando este bom serviço dá um bellissimo exemplo de bairismo.

Viva a gente do *Carvalhal*!

A Peregrinação à Franqueira

Tivemos o prazer de trocar impressões com o Ex.ºmo Snr Arcebispo P.º Rio Novais, sobre esta manifestação de fé religiosa.



O Evangelho

Caminhava Jesus além do mar da Galileia em Tiberíades: seguia o enorme multidão, vendo os milagres que operava nos enfermos. Subiu Jesus a um monte e sentou-se com seus discípulos. Estava próxima a Páscoa, dia festivo dos judeus. Tendo Jesus levantado os olhos, e vendo o povo que o seguia, perguntou a Filipe: «Onde compraremos pães para esta gente comer?» Dizia isto para o experimentar, porque bem sabia o que havia de fazer. Respondeu Filipe: «Duzentos dinheiros de pão não chegariam, e seria bem pouco o que tocaria a cada pessoa». Disse então André, irmão de Simão Pedro: «Está aqui um rapaz que tem cinco pães e dois peixes, mas isto o que é para tantos?» Disse Jesus: «Fizei que essa gente se sente: havia muito feno n'aquele lugar; sentaram-se em número de cinco mil; e tomando os pães, depois de dar graças, distribuiu-os pelos que estavam sentados, procedendo semelhantemente com os peixes. Depois que ficaram saciados, disse aos discípulos: «Recolhei os pedaços que sobraram para que se não percam». Obedeceram, enchendo doze cestos de pedaços dos cinco pães de cevada que sobravam dos que haviam comido. Vendo pois aqueles homens o milagre que Jesus havia feito, diziam: «Este, sim, que é verdadeiramente o profeta que havia de vir ao mundo.» Conhecendo Jesus que o queriam fazer rei, fugiu segunda vez sózinho para o monte.

O preceito Pascal

Tomando os pães, depois de dar graças, distribuiu-os pelos que estavam sentados.

Os milagres que Nosso Senhor Jesus Cristo realizou na sua passagem por este mundo em carne mortal, seguem repetindo-se espiritualmente na Igreja Católica. Aquele surdo-mudo de que vos falei, e que foi curado por Jesus, representa os surdo-mudos espirituais que nestes dias ouvem a palavra de Deus e recobram a fala para rezar e confessar os seus pecados. Abre se hoje o cumprimento do preceito Pascal, como sabeis de outros anos, e é preciso que não só se curem os surdos-mudos espirituais, para fazerem uma boa confissão de seus pecados em dia oportuno, mas que se disponham todos a receber o Pão do céu pela sagrada Comunhão, que é o principal do aludido preceito.

Estimula-nos a isto o Evangelho de hoje, que refere o grande milagre da multiplicação dos pães, em que Jesus Cristo sustentou cinco mil homens só com cinco pães e dois peixes, o que se verifica agora espiritualmente pela Comunhão Eucarística.

Vamos considerar em tão maravilhoso acontecimento a importância do cumprimento do preceito Pascal, e a maneira de participar dignamente do sagrado convite. Temos de nos dispôr todos a receber dignamente a Comunhão Pascal, observando as convenientes condições.

Poucos dias antes de Jesus Cristo fazer ao mundo a solene promessa da instituição do Santíssimo Sacramento, promessa que realizou um ano depois no dia que liturgicamente chamamos Quinta-feira Santa, quis preparar os Apóstolos e os verdadeiros fiéis para crer nestes mistérios, operando o inaudito prodígio da multiplicação dos pães. Achando-se o Senhor rodeado por uma grande multidão que o seguia, ávido da palavra divina, num lugar deserto e perto do mar de Tiberíades, e não tendo que comer, nem querendo o Salvador despedi-la sem o socorro necessário, pediu aos Apóstolos a pequena provisão que tinham de

cinco pães e dois peixes, e depois de os abençoar, mandou que os distribuíssem ao povo, previamente sentado. Resultou que, depois de satisfeitos os cinco mil homens, com as mulheres e crianças, que formariam outro número quasi igual de pessoas, ainda sobejou pão para encher d'oze grandes cestos. O povo, agradecido, aclamou Jesus Cristo, e quiz fazê-lo Rei; mas sêde desapareceu dali num momento, recusando esta honra que bem devida lhe era.

Neste formosíssimo episódio evangélico vemos primeiro desenhada a importância da Comunhão, para estudar depois as suas condições.

I.—No magnífico episódio d'este Evangelho, três coisas chamam poderosamente a nossa atenção:

1.—A grandeza do convite.

Em grandes apuros colocou o Senhor ao Apóstolo S. Filipe, quando, ao ver aquela grande multidão necessitada, lhe perguntou: Onde compraremos pão para dar de comer a toda esta gente? O Senhor bem sabia o que ia realizar, mas fez esta pergunta para que todos atendessem à grandeza do projecto e à impossibilidade natural de o levar a cabo. Tratava-se de alimentar, como dissemos, uma multidão de pessoas que chegariam a dez mil; era deserto o lugar e as provisões que traziam a custo chegariam para d'oze pessoas. Mas a Deus nada é impossível; êle mesmo que alimentou durante quarenta anos o seu povo escolhido com maná chovido do céu no deserto da Arábia, e êle mesmo que desde o principio do género humano vem alimentando sobre a terra com frutos que anualmente se vão renovando e reproduzindo, êsse mesmo dispõe-se a sustentar com cinco pães a alguns milhares de pessoas. Bastará que abençoe aqueles pães, e pelas mãos dos Apóstolos se irão repartido e multiplicando na medida do preciso.

Mas que vale tudo isto, em comparação do que está realizando o mesmo Senhor, para alimentar espiritualmente os seus discípulos fiéis? *Moisés não vos deu o pão do céu, diz o Salvador aos Judeus, que argumentavam com o benefício do maná, mas meu Pai é que vos dá o verdadeiro pão do céu. . . Eu sou o pão vivo, que desci do céu.* (Joan., VI, 32, 51). E vêde que maravilha: êste Pão divino, que na realidade ficou entre nós sob as aparências de pão, distribui-se aos fiéis de todo o mundo milhares e milhares de vezes em cada dia, e permanece sempre íntegro e vivo nos nossos altares. Que maravilha!

2.—O amor com que o dá.

Mas o que mais se estima, tanto nos convites como em qualquer outro obséquio, é o amor com que se dão às pessoas obsequiadas. E' para admirar isto no simples mas grandioso banquete que Jesus Cristo deu aos seus fiéis, ao operar o milagre da multiplicação dos pães. Os Apóstolos aconselhavam ao Senhor diferentes meios para socorrer a necessidade daquela multidão, como eram que se comprasse um pouco de pão com duzentos dinheiros (só para comer um bocado), ou que fôsse cada um ás povoações vizinhas e se remediasse como fôsse possível; mas Jesus Cristo, cujo amor ao necessitado é maior que tudo isso, determinou alimentar por sua conta aquella gente toda, movido de compaixão por ella, como diz o evangelista S. Mateus (XIV, 14). Mas tudo isto era só um indício do amor imenso com que determinou ficar conosco no Santíssimo Sacramento e dar-se em comida para sustento da alma: *Tenho desejado ardentemente comer convosco esta Páscoa, antes de sofrer,* diz aos Apóstolos o mesmo Jesus Cristo ao instituir êste Sacramento (Luc., XXII, 15). E que desatenção a nossa, ao corresponder-lhe com tanta frieza!

3.—A necessidade de que recebe.

Tanto mais se deve agradecer um obséquio, quanto maior é a necessidade que se tem de-

le. A multidão de que nos fala o Evangelho de hoje estava esfomeada. Pendente dos lábios do divino Mestre, nem se lembrou de comer em todo o dia nem de levar provisões; a hora ia já adiantada; o lugar, deserto; teria desfalecido se o Senhor lhe não acudisse. *Desfalecerão no caminho,* diz o Salvador noutro caso semelhante (Marc., VIII, 3).

Muito maior necessidade de sustento padecer a alma, esfomeada da verdade e do bem, e a esta acudiu o Senhor com o banquete eucarístico, dando-nos êste alimento *supersubstancial*, que nos manda pedir na oração do Padre nosso (Mat., VI, 11). *Quem comer d'este pão viverá eternamente.* (Joan., VI, 52). *E se não comerdes, não tereis vida.* (Ibid., 54).

II.—Recebamos pois o Pão que dá a vida eterna. Como?

1.—Com boa consciência.

Com que devoção tomariam o pão milagroso os fiéis que seguiam Jesus Cristo! Antes do convite, Jesus curou os enfermos. (Mat., XIV, 14). Assim também, antes da Comunhão, havemos de curar a lepra e as chagas do pecado, e avivar os desejos devotos e afectos da alma.

2.—Com ordem e compostura.

Para receber o pão milagroso, agruparam-se ordenadamente os convidados. Para receber a sagrada Comunhão, é mister acercarmos-nos da Mesa Eucarística com reverência, ordem, decência nos vestidos, sem precipitações, em atitude humilde e de joelhos.

3.—Com acção de graças.

Os que receberam o pão milagroso, ficaram tão agradecidos a Jesus, que tentaram aclamá-lo Rei. Sejamos agradecidos depois da Comunhão, e não saíamos da igreja sem rezar e pedir-lhe muito.

Cristãos: Não invejemos a sorte daqueles israelitas que ouviram a Jesus e se alimentaram do pão milagroso. Mais esplêndido, mais amável e mais benfeitor se manifesta agora no Sacramento dos altares. Recebamo-lo com boa consciência, com modesta compostura, com acção de graças. *Vem Senhor Jesus!* (Apoc., XXII, 20).

DOCTRINA

A Santa Missa

São do Concílio de Trento as seguintes palavras: «Ainda que Jesus Cristo não devesse sacrificar-se mais do que uma vez sobre o altar da cruz para operar a nossa redenção; não obstante, afim de deixar à Igreja, sua esposa, um sacrificio sensível que lhe representasse o sacrificio que por seu amor ia oferecer no Calvário e ao mesmo tempo lhe applicasse a sua virtude salutar, na última Ceia ofereceu ao seu divino Pai o seu próprio corpo e sangue sob as espécies de pão e de vinho, e deu poder aos Apóstolos e aos seus sucessores no sacerdócio para oferecê-los sob as mesmas espécies, dizendo-lhes: Fazei isto em memória de mim.»

Daqui resulta que a Missa é uma memória, uma representação, ou, melhor, uma continuação do sacrificio que Jesus Cristo ofereceu na cruz por nosso amor, porque o mesmo Jesus Cristo, que uma vez se ofereceu sobre a cruz é o mesmo que diariamente se sacrifica sobre os altares sem que entre o sacrificio do altar e o da cruz haja diferença alguma, afóra o modo de sacrificar de Jesus Cristo; porquanto, o sacrificio da cruz foi com derramamento de sangue, pois ali se tratava de pagar o preço da nossa redenção, e o do altar é sem effusão de sangue, pois aqui só se trata de applicá-lo.

Daqui se infere e quão grato, precioso e aceitável há de ser a Deus Pai o santo sacrificio da Missa.

VARIEDADES

Bendita água...

«Bendito sejais meu Senhor, pela irmã água a qual é muito útil, humilde e precisa e casta».

S. Francisco de Assis.

*Bendito seja o Senhor
Que creou a luz do dia,
Bendita a água e a dor,
Bendita a paz e alegria*

*Bendita a água da chuva
Que rega os campos maninhos
Sem ela não davam flor
Os tojos e os rosmaninhos.*

*Bendita a água do mar
Espelho do sol no verão
Ganha-pão e sepultura
De tantos filhos de Adão.*

*Bendita a água nascente
Que mata a sede a quem passa;
Bendito o amor de Deus
Que faz ditosa a desgraça.*

*Bendita a água corrente
Que mói o pão no moinho,
Humilde lavando a roupa
Do pobre mais pobrezinho.*

*Bendita a água da fonte
Constantemente a nascer,
E a cantarinha que a bebe
A cantar, até se encher.*

*Bendita a água das regas
Que enche o pomar de verdura,
Canceiras que Deus fecunda
Dando pão, dando ventura.*

*Bendita a nossa «irmã água»
Que na pia batismal
«Preciosa, humilde e casta»
Lava a culpa original.*

Madresilva.

NOTA ALEGRE

... À mesa dum hotel, jantavam um coronel, um teólogo, um médico, um poeta, um economista e um filósofo.

—Meus Senhores, bebo à memória de Alexandre Magno, o primeiro homem do mundo!—brindou o coronel.

—Alto!—disse o médico—o primeiro homem do mundo foi Galeno.

—Não, Senhores!—redarguiu o teólogo—o primeiro homem do mundo foi S. Agostinho.

—Tenham paciência... mas o primeiro homem do mundo foi Descartes,—definiu o filósofo.

—Os senhores estão na lua! Malthus, Malthus é que foi o primeiro homem do mundo!—apostrofou o economista.

Entretanto, a criada parara de levantar os pratos, para ouvir a discussão. E parecendo-lhe sandice rematada, que insignes sábios disparatassem sobre coisa tão conhecida, não se conteve:

—Ora... mas os senhores não saberão... não... que o primeiro homem do mundo foi... Adão!

E voltando as costas:

—Já é estarem...

Uma senhora vai com seu marido visitar uma amiga na sua casa de campo.

Vês esta oliveira? diz a amiga à sua visita. E' uma recordação preciosa da minha vida conjugal. Foi plantada um dia por meu marido, em memória da única desavença que tivemos durante os longos anos do nosso casamento.

—Que bela ideia! exclama a outra senhora, voltando-se para o marido. Se tivéssemos feito o mesmo, que belo olival não teríamos hoje!

Secção charadística

CHARADAS

É dia da romaria
Nossa Senhora da Penha,
Já de volta vem seu Z'nhá—2
Com a noiva em companhia

Na cozinha 'stá Maria
Metendo no fogão lenha,
E se «nota» que se empenha—1
Dar a janta ao meio dia.

A Laurinda põe a mesa,
Limpa os pratos a Teresa
A Júlia areia os talheres.

Entrementes, o Pedrinho,
'Stá na casa do vizinho
Fazendo seu pé d'alf:res.

Lebricho

SINCOPADAS

(por sílabas)

3—Esta especie de banana é facil d'encontrar.—2

3—É devido a aguardente de figos a sua doença.—2
Madre Helena

3—Deu-se pelo desfalque, depois do banquete—2

3—Depois do desmaio, ficou mais catita—2

L. Heitor

EM FRASE

O macaco andou um certo número de anos em velocipede—2-2

Por isso, o macaco, acha facil viajar em aeroplano.—2-2

Agar Ramos.

LOGOGRIFO

Senhor padre, confessar-me
Venho nesta ocasião,
Pois quero desobrigar-me
Por ser uma obrigação.

Eu me julgo um pecador
Sem outro haver igual;—8, 1, 4, 11, 7
Os meus pecados, Senhor,
São de volume anormal.—4, 7, 6, 9

Foi sempre com indiferença,—8, 1, 6, 5
Que ouvi os conselhos vossos;
Não cumprí a penitência
Sendo mesmo padre-nossos.

Mas hoje bem consid'ando,
Após sério comentário—11, 2, 9, 8, 1, 10, 9, 8
Reconheço que acabando
Já vai meu triste fadário.

Assim, pois, do coração,
A dor moral manifesto,—8, 1, 4, 5
Na pública confissão,
De emendar-me vos protesto.

H. Raio.

ENIGMAS

Ninguém diz, ao ver o pato,
Que ser possz um grande peixe,
Mas ao ver um grande peixe,
Há quem afi-me ser pato.

Miss Iva

Quem quizer que a colovia
De peixes seja viveiro,
Passe prima p'ra segunda
E segunda p'ra primeiro.
E se no todo penetras,
Verás nêle sete letras.

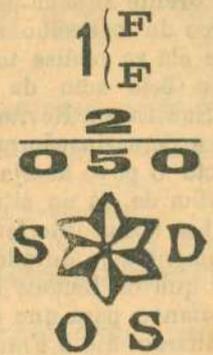
H. Ramos

DIGRESSÃO GEOGRÁFICA

A gente desta cidade
Mal se pode ter nas pernas,
Por andar sempre metida
Dia e noite nas tabernas.

Madre Helena.

ENIGMA TIPOGRÁFICO



Lebricho.

Santos da Semana

A Anunciação da Santíssima Virgem

25 de Março

Tendo chegado, enfim, o ditoso momento destinado desde tóda a eternidade para a reconciliação dos homens com Deus, aquele mesmo arcanjo Gabriel que 400 anos antes havia predito ao profeta Daniel o advento e a morte do Messias, foi enviado por Deus a uma virgem chamada Maria, da tribu da Judá e de sangue real, porque era descendente da Casa de David.

Aquele Senhor que a escolhera para ser a Mãe do Messias, havia-a prevenido, desde o primeiro instante da sua concepção, com todos os dons celestes e a plenitude da graça.

Vivia esta Virgem em Nazareth, pequena cidade da Galileia. Foi ali onde lhe appareceu o Arcanjo S. Gabriel, ao tempo, diz S. Bernardo, em que retirada da vista e comércio das criaturas, se imolava ao seu Deus no fervor da mais sublime contemplação. Este enviado celeste, cheio de respeito e veneração à vista daquela que já considerava como sua Rainha e Soberana, saúda-a por estas palavras: *Deus te salve, cheia de graça! O Senhor é contigo! Bendita és tu entre as mulheres!*

A repentina vista do anjo em figura de homem causou a principio alguma turbacão à mais pura das virgens. E o anjo procurou tranqüilizá-la: *«Não temas Maria—lhe disse—porque achaste graça diante de Deus.*

Conceberás e darás à luz um filho que se chamará Jesus. Ele será grande e será chamado o Filho do Altíssimo.

Como a Virgem se perturbasse o Arcanjo para a socagar certificou-a de que concebia do Espírito Santo, o qual, sendo a virtude do Altíssimo, formaria miraculosamente o fruto que havia de nascer das suas purísimas entranhas.

E a Virgem respondeu:

—Eis a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra.

“A DEFESA,”

Passou há dias o 10.º aniversário do nosso presado colega de Évora «A Defesa». Dez anos de combate contra o erro e de sementeira da boa doutrina! Rejubilamos ao consignar esta notícia nas colunas da «Cruzada». Dez anos é já para um jornal de província, uma existência notável. «A Cruzada» faz votos ardentes para que aqueles dez se multipliquem muito e que «A Defesa» tenha vida desafogada e veja desenvolverem-se exuberantemente os ótimos frutos da religião em terras alentejanas.

Os nossos parabens.

Sua Rev.ma afirmou nos que está convencido que esta peregrinação no corrente ano há-de ser grandiosíssima, já porque todo o povo católico do concelho a deseja, já porque estando como está assente que ela se realice todos os anos, todos os Ex.mos Párcos patrocinarão este acto de piedade, que, com certeza, será presidido por Sua Ex.ma Rev.ma o Snr. Arcebispo desta diocese o que virá tornar a peregrinação mais grandiosa.

De facto o povo deseja e ambiciona concorrer piedosamente a este acto afim de, lá no alto, poder de joelhos aos pés da Virgem agradecer-lhes a Sua interferência perante Seu filho para que a paz entre os homens seja duradoira.

Bom é que os Ex.mos Párcos vão desde já dando alento aos seus paroquianos para que eles confiem na sua boa disposição de os acompanharem até à Franqueira e lá os ajudarem a pedir à Santíssima Mãe de Deus que continue a velar por todos nós.

Só assim, com estas préces de verdadeira fé cristã poderemos alcançar paz no mundo e descanso na eternidade.

Carta de Barcelos

—Esteve no Porto o nosso bom amigo Ex.mo Sr. D. Vicente Malriques e sua Ex.ma Esposa D. Maria José Cardoso e Silva Malriques.

—Também foram à cidade Invicta os nossos bons amigos Srs. António Dias Gomes e Manuel Ferreira Lemos ambos benquistos comerciantes desta praça.

—Regressou de Amarante, estando entre nós o Ex.mo Sr. Conde de Vila-Boas.

—Foi imponentíssima a procissão dos Passos que no passado domingo se realizou nesta cidade, tendo affluído aqui muitíssimo povo das freguezias do concelho e da Póvoa do Varzim, Famalicão e Braga.

—O tempo tem corrido bastante irregular, pelo que tem sido muito prejudicadas as feiras semanais.

—Está de luto, pelo falecimento de sua esposa Sr.a D. Lucília da Silva Pires Souza Martins, o Sr. Manuel de Souza Martins, comerciante de drogaria nesta cidade, tendo sido o prestito funebre bastante concorrido e acompanhado pela bandeira do Grupo Alcaides de Faria.

—Faleceu em Carapeços o Abade António Alberto Barbosa, muito conhecido no nosso meio e antigo famulo e secretário do saudoso Bispo do Porto D. António Barroso.

—A incorporação dos recrutas realiza-se de 1 a 5 de Abril proximo, devendo aqueles que para tal fim estão avisados por editais afixados nas suas freguezias apresentar-se na Camara Municipal a requizitarem a sua guia modelo 9 afim de com ela se apresentarem nos regimentos para que foram destinados.

Os mancebos apurados e que não constam daqueles editais são destinados à 2.ª incorporação.

Todos os que faltarem são considerados refractarios. — C.

As raças históricas na Lusitania

(Transcrição)

II

(Continuação do número 29)

Da leitura que fizemos de uns e outros escritores pareceu-nos que ao Algarve é que se pode aplicar melhor a designação de *Celto-phenícios*.

Estes fixaram-se na Bética; e a sua influência estendeu-se até ao Guadiana, isto é, pelo Algarve.

Estas duas províncias pela sua posição especial, deviam-se acompanhar sempre.

O Algarve está para a Bética (ou Andaluzia), como o norte de Portugal (ou Minho) está para a Galiza.

As influências orientais vieram-nos por intermédio dessa província especial, assim como as influências do norte nos vieram por intermédio da Galiza.

A Extremadura e a Beira, sobretudo esta província, foram o ponto central onde se cruzaram essas influências opostas, formando um terreno neutro. O Minho, Douro, Trás-os-Montes, parte do Alentejo, e o Algarve, são os extremos destas duas correntes, que vieram a encontrar-se em Portugal, creando nêle, por esta forma, um concurso de circunstâncias especiais que determinaram mais tarde a nossa nacionalidade.

Os habitantes do Algarve deviam distinguir-se dos mais povos do tracto de terra que os Romanos chamaram Lusitania, e que não é mais, como vimos, do que a confusão de muitos povos diversos.

O que motivou esta grande diferença foi o contrato com o Mediterraneo, donde vieram os Phenícios e todas as influências orientais, ainda hoje notadas, tanto na Andaluzia como no Algarve, que foi a província que, por isso, assimilou mais facilmente o elemento árabe e que menos reagiu contra elle.

O Algarve assimilha-se à Andaluzia, como à Galiza o Minho.

O elemento phenício, predominante na Bética e no Algarve, foi o que separou este do resto da Lusitania, e preparou posteriormente o terreno para o mais fácil dominio arabe, ou do berbere e egipcio.

O elemento semitico veio assim a confundir-se com o ariano na Bética e no Algarve,—naquele formando-se o celtico turdello-phenício, nêste o tu detanc-phenício.

Mais tarde, juntou-se um novo elemento semitico, o arabe e moiro, a quele na Andaluzia e este no Algarve sobretudo.

Veremos adiante que a lingua portuguesa, passado o Algarve, vai-se expulgando, pouco a pouco, do arabismo, isto é, à medida que se apróxima do norte!

Os elementos, phenício, arabe e berbere pacaram nos limites da Bética e Algarve; dali pouco deviam passar pela influência natural do campo neutro das duas correntes opostas.

O sábio filosofo Ribeiro dos Santos, no seu excelente trabalho sobre a origem celtica da antiga lingua geral de Espanha, — vendo que o vasconço é o que mantém mais pura a lingua primitiva, por isso que as montanhas das Asturias e Vascongadas foram as muralhas onde se acolheram, em todos os tempos, os Celtiberos—faz filiar todas as linguas da península, incluindo a portuguesa, no vasconço.

No entanto parece-nos uma dedução erronea.

Fra Casil.

(Continúa).

Quer ir de graça a Lourdes!

Vá informar-se e habilitar-se na C.ª Editora do Minho, ou ao Centro das Novidades.

A peregrinação terá logar no dia 1 de Junho p. f. e o seu regresso em 8 do mesmo.

A viagem de graça compreende: transportes no comboio e das estações para os hotéis, seis dias de hotel em Lourdes, 3 refeições diarias (com vinho) e todas as gratificações.

PEREGRINAÇÃO A LOURDES

Partida 1 de Junho—Regresso 16 de Junho

PROGRAMA

- Dia 1—Partida do Porto (S. Bento) via Barca d'Alva, às 9,50.
- « 2—Chegada a Lourdes às 18 h.
- Dias 3, 4, 5—Estadia em LOURDES.
- Dia 5—Às 21 h. partida para Paris.
- « 6—Chegada a Paris às 11 h.—Transporte aos hotéis.
- Dias 6, 7, 8, 9, 10 e 11—Estadia em PARIS.
- Dia 11—Partida para Lisieux, onde se passa o dia, regressando a Paris para dormir.
- « 12—Partida para *Bordeaux* Almôço, jantar e dormida.
- « 13—Partida para *Bayonne* e *Biarritz*. Almôço, jantar e dormida.
- « 14—Partida para *S. Sebastian*. Almôço, jantar e dormida.
- « 15—Dia livre, para uma visita facultativa a LOYOLA. (Almôço e jantar por conta de cada um).
- « 15—Partida de *S. Sebastian* às 17 h. para o Porto.
- « 16—Chegada ao Porto às 18 h.

Prêços: Em 1.ª classe em Portugal e Esp. e 2.ª na França 2,380\$.
Em 3.ª classe todo o percurso 1.950\$00

PAGAMENTO: Faz-se numa ou duas prestações iguais, sendo a 1.ª até 5 de Maio e a 2.ª até 20 de Maio.

ORGANIZADOR:

P.ª José António Ayres

Rua do Visconde, Póvoa de Varzim

N. B.—A Casa de Santo António—Travessa da Liberdade, 6, Porto, recebe também inscrições e remete programas.